(No prelo: In: Roncarati et al. (orgs.) Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história.
Rio de Janeiro: 7 Letras. 2003)

O SUJEITO EXPLETIVO E AS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS*

Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ/CNPq)

1. Introdução

Resultados de pesquisas sobre a realização do sujeito pronominal de referência definida e indeterminada (cf. entre outros Lira 1982, Duarte 1995, 2000, no prelo, Paredes Silva no prelo e Cavalcante 2001) têm revelado que o português falado no Brasil está passando por uma mudança que envolve o Parâmetro do Sujeito Nulo no sentido de se tornar uma língua de sujeitos plenos. De fato, a julgar pelos índices apresentados nessas pesquisas, a forma não marcada do sujeito pronominal referencial é hoje a forma plena, ficando o sujeito nulo como a forma marcada[1] de realização, ao contrário do que mostram os resultados para o português europeu oral (Duarte 1995, 2000)[2].

No entanto, o sujeito não referencial ou expletivo (que caracteriza as orações a que a tradição gramatical se refere como "orações sem sujeito") continua nulo. Os exemplos a seguir ilustram em português e inglês a ocorrência do expletivo nulo/pleno, respectivamente, nas chamadas orações impessoais em (1), existenciais em (2), em uma estrutura com verbo de alçamento em (3) e numa construção apresentativa em (4) (cf. Chomsky 1981 e Raposo 1992):

(1) a. __ Chove.
b. **It** rains.

---

* Participaram do levantamento de dados para esta pesquisa as bolsistas de IC Michelle Ferreira Freitas e Viviane de Guanabara Mury.

[1] O termo "marcado" aqui é usado em relação à freqüência (Croft 1993). Assim, a forma não marcada seria a mais freqüente. No quadro de Princípios e Parâmetros, o conceito de marcação pressupõe movimento desencadeado por um núcleo funcional. Os sujeitos nulos, por exemplo, por envolverem movimento do núcleo que carrega a flexão para serem propriamente identificados, seriam uma propriedade marcada em relação aos sujeitos preenchidos (cf. Roberts 1997).

[2] Com base em tais evidências, Barbosa, Duarte & Kato (2001) defendem a hipótese de que o português do Brasil, ao contrário do português europeu, teria passado a projetar a posição de sujeito (o especificador de TP – Tense Phrase). Uma língua de sujeito nulo não projeta tal posição estrutural, e, quando o sujeito vem expresso, ele se encontra numa posição externa à sentença.

(2) a. __ Tem muita gente na praça.

b. **There** is a lot of people in the square.

(3) a. __ Parece que as crianças comeram o bolo.

b. **It** seems that the children ate the cake.

(4) a. __ Apareceu um lobo.

b. **There** appeared a wolf.

Seria tal assimetria um desafio ao próprio conceito de Parâmetro do Sujeito Nulo ou seria essa apenas uma etapa na mudança paramétrica em curso? Quando se leva em conta a noção de encaixamento lingüístico, tal qual aparece em Weinreich, Labov e Herzog (1968), além do feixe de propriedades que caracterizam as línguas de sujeito nulo, apresentado resumidamente em (1)-(4) acima, pode-se supor que tal situação seja de fato uma etapa natural num processo de mudança, em que os itens mais referenciais cedem à mudança mais prontamente, enquanto os menos referenciais resistem por mais tempo ao preenchimento. Cyrino, Duarte & Kato (2000) propõem a atuação de uma hierarquia referencial na assimetria verificada em dois processos de mudança no PB: sujeitos plenos e objetos nulos. Essa mesma hierarquia parece ter atuado no processo de preenchimento dos sujeitos no francês medieval, em que o uso obrigatório de '*il*' não referencial (como em '*il semble*') é posterior ao '*il*' referencial (como em '*il habite à Paris*') (cf. Vance 1989).

Com base em tais pressupostos, Duarte (1997, 1999, 2000) levantou a hipótese de que seria natural esperar que os sujeitos não referenciais ou expletivos começassem também a se realizar foneticamente, apresentando nosso sistema um conjunto de estruturas em que tal posição, antes categoricamente vazia, passaria a se mostrar preenchida.

Entre as estratégias apresentadas em Duarte como possíveis recursos para evitar a posição de expletivo nulo, foi apontada a significativa ocorrência do pronome *você* com os verbos *ter* e *ver* em construções variantes daquelas que exibem os verbos *ter* e *haver* existenciais. Ou seja, em vez de sentenças como (a), com a posição de sujeito nula, temos as construções em (b)[3], com o sujeito preenchido por *você*:

[3] As sentenças em (a) servem de comparação com as estruturas em (b), que foram efetivamente atestadas na fala espontânea da amostra NURC-RJ.

(5) a. __ Não há/ não tem mais clientela no centro da cidade.

b.**Você** não tem mais clientela no centro da cidade.

(6) a.__ Há/Tem muito concreto na tua frente

b.**Você** vê muito concreto na tua frente.

Esse uso de *você* em sentenças existenciais foi objeto de análise por Vitral & Ramos (1999), que sugerem um processo de gramaticalização, com a perda de informação semântica. Foi ainda observado por Callou & Avelar (2001) em sua análise das construções com *ter* e *haver* na Amostra NURC anos 70 e anos 90, cujos resultados serão comentados mais adiante. Observe-se que o pronome *você* em tais estruturas não tem nem referência definida (segunda pessoa) nem a referência arbitrária que aparece em (7) abaixo:

(7) **Você**, quando **você** viaja, **você** passa a ser turista. Então **você** passa a fazer coisas que **você** nunca faria no Brasil. (Duarte, 1995)

2. O objetivo do trabalho

O presente trabalho focaliza as construções existenciais[4] com *haver*, *ter* e *ver*, buscando verificar, particularmente com relação a *ter* e *haver*, se há uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito, teoricamente uma posição vazia, representada, segundo proposta da teoria gerativa, por um pronominal nulo expletivo[5]. Além da possibilidade de preencher essa categoria vazia por um pronome pleno, como ilustram (5) e (6), pretende-se investigar o papel das expressões locativas e temporais nesse processo de mudança. Para Franchi *et alii* (1998:108), as construções existenciais têm a particularidade de se ancorarem "de um modo generalíssimo em um campo espaço-temporal" levantando a

[4] Encontra-se em análise a posição do sujeito expletivo de construções com verbos de alçamento como *parecer*, *demorar*, *custar*, etc., além de predicados adjetivais.
[5] Viotti (1999) propõe uma análise das existenciais que elimina a obrigatoriedade do sujeito expletivo. Segundo a autora o português seria uma língua que projeta opcionalmente a posição de sujeito.

questão sobre a "necessidade de postular essa ancoragem como parte integrante da construção" e "sobre o que a licencia sintática e lexicamente":

(8) **Em Brasília** tem muito prédio.

Como se vê, para os autores o papel dos sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais atrelados às construções existenciais parece ser o de quase-argumentos. E esses elementos, não raramente, são alçados à posição de sujeito nas construções com *ter*, que resgatam a posição de sujeito presente na "memória da estrutura histórica" de que esse verbo deriva (*op. cit*: 128). Viotti (1999) chega mesmo a levantar a hipótese de que a preferência por *ter* em detrimento de *haver* seria explicada justamente pela possibilidade da construção pessoal, com o alçamento do locativo para a posição de sujeito. Kato (2000) igualmente considera que a escolha de *ter*, que possibilita a ordem SV, é um reflexo do processo de perda da ordem VS:

(9) **Brasília** tem muito prédio.

A hipótese que orienta a pesquisa é a de que, uma vez implementada uma das propriedades das línguas de sujeito não-nulo – o preenchimento dos sujeitos referenciais – o sistema começa a caminhar no sentido do preenchimento dos sujeitos não-referenciais. Espera-se que, cada vez mais, a posição à esquerda do verbo em construções existenciais apareça preenchida, seja por SADVs e SPs locativos ou temporais, seja por SNs, seja por pronomes. Assim, o aparecimento de elementos à esquerda do verbo não é acidental (cf. Weinreich, Labov & Herzog 1968). Antes, trata-se de um "efeito colateral" da mudança, que começa a se insinuar dentro do nosso sistema passando a concorrer com as sentenças não marcadas, que ainda mantêm o sujeito expletivo nulo.

Serão analisadas duas amostras, com trinta informantes cada, estratificados segundo a escolaridade (ensino fundamental 1 e 2 e ensino médio) e a faixa etária (7-14; 15-25; 26-49; 50...). Trata-se de amostras da comunidade de fala carioca, parte do acervo do Projeto PEUL, gravadas em dois momentos distintos: inícios dos anos 80 e durante os anos de 1999

e 2000, com um interstício de cerca de dezoito anos entre as duas coletas. Como se trata de informantes distintos, o material permite fazer o estudo a que Labov (1994) se refere como estudo de tendência, que possibilita investigar possíveis mudanças em curso, no seio de uma comunidade, em tempo real de curta duração.

3. Os resultados

Foram excluídas da análise aqui apresentada sentenças com *ter* e *haver* em expressões cristalizadas, como 'tem dias', 'tem hora', 'tem vezes', 'há muito tempo'. Essas construções correspondem a cerca de 6% do total de dados analisados. A tabela a seguir apresenta o total de construções existenciais computadas, segundo o verbo utilizado:

Tabela 1. Distribuição das ocorrências segundo o verbo

Verbos	Amostra 1980	Amostra 2000
Ter	1324/1524 (87%)	1086/1191 (91%)
Haver	152/1524 (10%)	69/1191 (6%)
Ver	48/1524 (3%)	36/1191 (3%)

Observa-se que a ligeira diferença nos percentuais envolve *ter* e *haver*, com leve declínio (4%) no uso deste último na amostra mais recente. O que fica claro, entretanto, é a absoluta preponderância de *ter* sobre *haver*, que chega a superar resultados de análises com base na língua culta. Franchi *et alii* (1998) encontram no corpus compartilhado do Projeto Gramática do Português Falado 69% (337 ocorrências) de *ter* contra 31% (153 ocorrências) de *haver*. Callou e Avelar (2001), com base na fala culta do Projeto NURC-RJ, encontram índices absolutamente idênticos se considerado o conjunto da amostra analisada. Como, no entanto, os autores fazem um estudo em tempo real, analisando uma amostra dos anos 70 e uma dos anos 90, esses percentuais se alteram: os resultados para *haver* mostram 37% nos anos 70 e caem para 24% nos anos 90. Vê-se, assim, que também a norma culta se rende à mudança em direção a *ter*.

No que se refere ao uso de *haver*, a análise de Franchi *et alii* (op. cit.:109) aponta que seu contexto de resistência está particularmente ligado a "extensões predicativas mais abstratas". De fato, tal resultado é referendado pela análise de Callou e Avelar, que

encontram 74% de ocorrências de *haver* em construções em que o SN argumento interno tem o traço [-material]. Na presente análise, esse resultado se confirma: em ambas as amostras, 75% dos predicados com *haver*, ilustrados em (10) e (11), apresentam um argumento interno [-material]; com *ter* esses percentuais praticamente se invertem (62% com argumento interno [+material] nas duas amostras), revelando estabilidade no que se refere a esse aspecto:

(10) Porque para a alimentação, para o vestiário, sempre há **aquele jeitinho** de se vestir e de se alimentar.

(11) Quer dizer, não há **necessidade** de botar mais água nesse leite.

No que se refere aos condicionamentos sociais, o uso de *haver*, ausente na faixa etária 1 das duas amostras (o que chama a atenção para o fato de *haver* já não fazer parte do processo natural de aquisição da linguagem), encontra seus mais altos percentuais de ocorrência na faixa 4 (acima de 50 anos), apresentando índices de 19% na amostra de 80 e de 15% na amostra de 2000. A atuação da escolaridade, que parecia mais definida na amostra 80, com os falantes com ensino médio superando amplamente os demais no uso de *haver* (21% *vs* 7%), se mostra diluída na nova amostra, em que se têm os índices de 3% (ensino fundamental 1), 10% (ensino fundamental 2) e 5% (ensino médio).

Vejamos agora os índices relativos à presença de material à esquerda do verbo na tabela 2:

Tabela 2. Preenchimento *vs*. não-preenchimento da posição à esquerda do verbo

Verbo	Amostra 80	Amostra 2000
Ter	388/1324 (29%)	275/1086 (25%)
Haver	35/152 (23%)	17/69 (25%)
Ver	48/48 (100%)	36/36 (100%)
Total	471/1524 (31%)	328/1191 (28%)

No caso de *ver* existencial, o preenchimento da posição de sujeito, e por um pronome, naturalmente é categórico. Em relação a *ter* e *haver*, ao contrário, os resultados mostram que a forma não marcada de ocorrência dessas construções ainda é a que exibe uma posição vazia à esquerda de V, ou seja, um expletivo nulo. Note-se, porém, que os percentuais de presença de elementos nessa posição, uma média de 25%, não são desprezíveis. Examinemos, pois, os recursos de que o sistema está lançando mão para preencher tal posição. A tabela 3 apresenta a distribuição desses elementos:

Tabela 3. Preenchedores da posição à esquerda do verbo

Preenchedores	Amostra 80	Amostra 2000
SNs complementos topicalizados	38/471 (8%)	10/328 (3%)
SADVs e SPs	276/471 (59%)	169/328 (52%)
SNs locativos	64/471 (13%)	23/328 (7%)
Demonstrativos	9/471 (2%)	4/328 (1%)
Pronomes pessoais	84/471 (18%)	122/328 (37%)

Observamos, inicialmente, a topicalização do argumento interno ou parte de seu complemento, nem sempre com o propósito de focalização, que é claro em (12c). Esses elementos naturalmente ocupam uma posição externa à sentença (normalmente referida como Topic Phrase, cf. Figueiredo Silva 1996). Não se presume, pois, que estejam ocupando a posição de sujeito. Como, no entanto, o que se busca é investigar com que freqüência aparecem elementos à esquerda de V, essas estruturas são relevantes para a presente análise.

(12) a. **Isso há** ___ em todas as épocas.

b. **Strogonoff tem** a receita ___ aí.

c. ... é sempre assim, é um problema social, aí reclama: ah! Não tem policiamento. **Policiamento** há, não há emprego.

A seguir aparecem os sintagmas adverbiais e preposicionais. Da mesma forma que com relação ao item anterior, acredita-se os SADVs e os SPs, em geral locativos e

temporais, ocupem uma posição de adjunção ao sintagma flexional (IP). No entanto, como foi visto na seção precedente, Franchi *at alii* chamam a atenção para o fato de essas estruturas parecerem fazer parte integrante da construção. Merece destaque a esse respeito a análise de Coelho (2000), que focaliza a ordem V SN / SN V em construções monoargumentais (inacusativas e existenciais). A autora examina o papel dos preenchedores das fronteiras (que podem aparecer antes, no meio e depois dos dois constituintes) e mostra a importância da presença de elementos antes de V para que ocorra um SN pós-verbal.

Interessa-nos aqui a preenchimento à esquerda de V justamente nas construções existenciais analisadas por Coelho. Das 274 ocorrências de V SN, 80 (29%) apresentavam o que a autora chama de "preenchedor locativo/temporal" (cf. *op. cit.*:190). Com base em tais evidências (que se mostram relevantes também para a ordem V SN nas sentenças inacusativas não existenciais), Coelho acata a hipótese de Torrego (1989, *apud* Coelho, *op. cit*: 196), para quem essas estruturas existenciais e inacusativas "admitem, além do argumento interno ao qual atribuem uma função temática de "tema", um argumento extra – ligado à estrutura do predicado – que manifesta uma função locativa, como se fosse um argumento secundário". A autora propõe que, não se tratando de um argumento subcategorizado pelo verbo, esse elemento locativo/temporal teria um comportamento muito próximo ao de um argumento externo, podendo ocupar o espaço de sujeito, disponível à esquerda de V em tais construções.

Os índices apontados na tabela acima ratificam a importância desses elementos entre os preenchedores da fronteira à esquerda de V. Aqui estão alguns exemplos das nossas amostras (sobre o encadeamento de SADVs e SPs, ver Paiva neste volume):

(13) a. Acho que **no Vasco** não tem chutador de córner bom não.
b. **Aqui** não tem prefeito.
c. **Nesses times lá do Nordeste** tem muito jogado(r) bom.
d. **Sempre** há um retorno.

O elemento seguinte na tabela 3 é o demonstrativo. Embora seja igualmente discutível a posição ocupada na estrutura sentencial pelo demonstrativo nos exemplos a seguir e os percentuais sejam ainda muito pouco expressivos, presume-se que, na ausência de um sujeito expresso, esse elemento passe a ocupar a posição de sujeito e seja uma instância da categoria gramaticalizada a que Pontes (1987) e Vasco (1999) se referem como Tópico-Sujeito:

(14) a. **Isso** não tem nem dúvida.
b. **Isso** já deve ter uns quatro meses.

Em relação aos SNs, a situação se modifica. Nas estruturas ilustradas a seguir, a posição de sujeito é projetada, apesar de (15a) causar um certo estranhamento:

(15) a. Mas **Copacabana**, **Ipanema principalmente** não há condição de vida mental saudável.
b. **Caxias** tem campo pra caramba; **Copacabana** não tem campo.
c. **Minha infância** tem tantas coisas que nem sei explicar.
d. **O Brasil** não tem nenhum político.

Finalmente, temos um grupo de estruturas que exibem a posição de sujeito preenchida por um pronome pessoal. Essa construção, a que se fez referência na primeira seção, constitui realmente uma importante estratégia de preenchimento do expletivo nulo das construções existenciais. Como mostra a tabela 3, sobe significativamente o percentual de ocorrência de pronomes nessas estruturas nas duas últimas décadas[6] – de 18% para 37%. E o que é mais interessante, amplia-se o quadro de pronomes utilizados. Enquanto na

[6] Esses resultados estão em consonância com os de Spanó (2002), que, examinado estruturas monoargumentais do PB, encontra uma significativa redução no percentual de ocorrências de existenciais na década de 90 em comparação com a década de 70. Ora, tal diminuição poderia ser explicada pelo aumento de existenciais com a posição do sujeito preenchida, configurando uma construção bi-argumental, que a autora não considerou em sua análise.

amostra 1980 só tínhamos ocorrências de ‘você’ (53 casos) e ‘a gente’ (31 casos), como ilustram os exemplos em (16):

(16) a. Hoje **a gente** tem um grupo, uma parte da Igreja, que está comprometida.
b. Não é como o Rio de Janeiro, que você em cada esquina **você** tem um bar pra você lanchar.
c.Porque **você** vê apartamento aqui na zona sul sendo assaltado.

na amostra 2000 passamos a encontrar, além de ‘você’ (47 ocorrências) e ‘a gente’ (23), os pronomes ‘eu’ (22), ‘nós’ (19), ‘ele’, ‘ela’ (5), ‘tu’ (4) e ‘se’ (2), ilustrados em (17):

(17) a. **Você** não tem um programa educativo bom.
b. Então **a gente** tem também lá é... recreação.
c. **Eu** não tive muitas coisas perigosas assim não.
d. A vizinhança é ótima. (**Nós**) Temos vários comércios, (nós) temos mercado, (nós) temos fe(i)ra, (nós) temos fe(i)rinha.
e. Lá, por exemplo, aonde mora a minha sogra, ela mora lá há trinta anos. **Ela** não tem grade na janela dela.
f. **Tu** vê aí a AIDS, né.
g. Mas agora não **se** vê isso. **Se** vê mais é festa de rua.

Neste grupo se encontram todas as ocorrências com o verbo *ver*, que decidimos manter como uma das estratégias de substituição de *haver*, ao lado de *ter*, pelo fato de esse verbo não apresentar em tais ocorrências seu sentido usual e poder ser substituído sem qualquer alteração por uma construção com *ter*. Resta discutir o caráter não referencial/“expletivo” desses pronomes em tais estruturas[7]. Assim como sugerem Vitral & Ramos (1999) em relação ao pronome *você*, todos os demais pronomes que aparecem em

[7] Observe-se que diferença entre o uso desses pronomes com referência indeterminada (cf. ex.(7) na seção 1) e como expletivo é muito sutil, podendo um sujeito expletivo (*Você* tem problemas no centro da cidade) ser facilmente confundido com um referencial (*Você* vive bem aqui) e as estruturas serem ambas consideradas bi-argumentais.

(17) acima apresentam uma perda de informação semântica. O que parece certo é que, ao invés de eleger uma única forma pronominal para ocupar a posição de expletivo, como fez o francês, por exemplo, o português do Brasil reorganiza as construções existenciais lançando mão de uma série de pronomes para tal fim.

4. Considerações finais

Este trabalho buscou investigar o processo de marcação da posição estrutural do sujeito expletivo, focalizando as sentenças existenciais com *ter* e *haver*, além de *ver*. Os resultados indicam que parece estar em curso uma reorganização nessas estruturas, que passam a apresentar com maior freqüência elementos à esquerda de V - desde os constituintes topicalizados, passando pelos adjuntos e chegando a SNs nominais e pronominais, que realmente ocupam a posição de sujeito. Entre essas estratégias, destaca-se o uso de pronomes, praticamente restrito ao verbo *ter* e ao verbo *ver*, usados em acepções idênticas. Pode-se, a partir desses resultados, ratificar outras análises mencionadas ao longo do texto, que sugerem estar o processo de substituição de *haver* por *ter* relacionado à projeção da posição de sujeito.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Pilar, DUARTE, M.Eugênia L. & KATO, Mary A. (2001) A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro. *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, APL, 539-550.

CALLOU, Dinah & AVELAR, Juan O. (2001) Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, vol. 9, 85-100.

CAVALCANTE, M. Auxiliadora da S. (2001) *O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso.* Tese de doutorado, UFAL

CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris. (2ª. ed. 1982)

COELHO, Izete L. (2000) *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de doutorado, UFSC.

CROFT, William (1993) *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press.

CYRINO, Sônia M., DUARTE, M. E. L & KATO, M. A. (2000) Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A. & NEGRÃO, E. V. (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main, Vervuert Verlag.55-74.

DUARTE, M. Eugênia L. (1995) *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP.

________ (1997) Sociolingüística Paramétrica: Perspectivas. Comunicação apresentada durante o I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos. UFBP. João Pessoa, PB. Setembro, 1997

________ (1999) Sociolingüística Paramétrica: Perspectivas. In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.) *Estudos Lingüísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia. 107-114.

________ (2000) The loss of the Avoid Pronoun Principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A. & NEGRÃO, E. V. (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main, Vervuert Verlag. 17-36.

________ (no prelo) A representação do sujeito pronominal: um estudo em tempo real. In PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. *Mudança lingüística em tempo real*.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (1996) *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas: ed. da UNICAMP.

FRANCHI, Carlos, NEGRÃO, Esmeralda & VIOTTI, Evani (1998) Sobre a gramática das orações impessoais com Ter/Haver. DELTA, 14, n$^{o.}$ Especial. 105-131.

KATO, Mary A. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese In: KATO, M. A. & NEGRÃO, E. V. (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main, Vervuert Verlag. 223-258.

LABOV, WILLIAM. (1994). *Principles of linguistic change*: *internal factors*. Oxford, Blackwell.

LIRA, Solange de A. (1982). *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania.

PAREDES SILVA, Vera L. (no prelo) Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal. In PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. *Mudança lingüística em tempo real.*

PONTES, Eunice. (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes.

RAPOSO, Eduardo P. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho S.A.

ROBERTS, Ian (1997) Creloles, markedness and the language bioprogram hypothesis. In: *estudos Lingüísticos e Literários*, 19, 11-24.

SPANÓ, Maria (2002) *A ordem V SN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu.* Dissertação de mestrado, UFRJ.

VANCE, Barbara S. (1989). *Null Subjects and Syntactic change in Medieval French*. Tese de doutorado, Cornell University.

VASCO, Sérgio L. (1999) *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado, UFRJ.

VIOTTI, Evani. (1999) *A sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil.* Tese de doutorado, USP.

VITRAL, Lorenzo & RAMOS, Jânia (1999) Gramaticalização de *você*: um processo de perda de informação semântica? *Revista de Lingüística e Filologia*, 3:55-64.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics.* Austin, University of Texas Press. 97-195.